

"Imortalidades" do Giannetti



» CRISTOVAM BUARQUE
Professor emérito da
Universidade de Brasília (UnB)

A história do pensamento mostra que os intelectuais brasileiros se dedicam aos problemas do Brasil, enquanto os europeus abordam grandes temas da humanidade. De tempos em tempos, surgem exceções, como Eduardo Giannetti, que eleva nossa contribuição ao debate universal. Em suas obras, já ofereceu reflexões sobre felicidade, ética e racionalidade. Agora, com o livro *Imortalidades*, Giannetti une beleza literária à sólida base da história do pensamento e da reflexão filosófica, para tratar de assunto essencial à condição humana: a ideia de que a vida possa transcender sua curta duração biológica.

Giannetti adota o estilo de ensaios curtos — 235 ao todo — cada um podendo ser lido independentemente ou em sequência, como um grande romance de ideias em torno da ânsia por imortalidade que caracteriza a única espécie com consciência da própria morte e que não se conforma com esse destino. Retoma anotações acumuladas ao longo de sua vida de leituras, desde muito jovem. Investiga as diversas formas de imortalidade que o ser humano busca incessantemente. Mergulha em mais de 150 obras de 116 autores, incluindo ele próprio, para pensar, especular, compreender e descrever como o desejo de permanência atravessa a história do pensamento, especialmente

ocidental, ao longo de milênios.

O autor passa por obras orientais e antigas, como o Épicu, de Gilgamesh, de 1.800 anos antes de Cristo, e textos de filósofos gregos de 2.500 anos atrás. Todos com a mesma inquietação: o que havia antes de nós e o que virá depois. A ideia de continuidade após a morte foi, talvez, o gesto de maior arrogância do homem sapiens: atribuir a cada um deles o privilégio que, antes, era reservado apenas aos deuses da mitologia clássica. Mesmo os mais materialistas encontram uma forma de sobrevivência nos átomos do corpo que, depois da morte, se dispersam no universo. Não há, talvez, expressão mais materialista do que a ideia bíblica de que "viemos do pó e ao pó voltaremos".

Costumamos dizer que, no parto, a mãe "dá à luz" o filho, mais exato seria dizer que ela "dá o tempo", seu primeiro minuto: a luz conquistamos ao longo da vida — sempre em busca de não morrer cedo e de transcender à morte. A arrogância foi punida pelo medo da morte e do pós-morte. Personagens literários que tentaram ultrapassar a fronteira entre a mortalidade dos homens e a imortalidade dos deuses foram punidos com vidas vazias e trabalho insano. Usam a capacidade intelectual para não morrer — seja ampliando os dias de vida do corpo, seja apostando numa outra existência, seja deixando obras para ser lembrado, ainda que por poucas gerações — e se esquecem de viver. Ele ainda reconstrói a história do surgimento desse desejo de imortalidade e das múltiplas formas de buscá-la, e ainda explica como esse conceito foi gradualmente apropriado e transformado pelas religiões que adotaram a ideia de alma individual e imortal, que se desprende do corpo morto e vai para outra dimensão ou

reencarna depois em outros corpos.

O livro *Imortalidades* é um belo e rigoroso estudo sobre a arrogância de querer ser imortal e a consequente tragédia de morrer pelo vazio existencial, inclusive decorrente da ilusão de uma alma eterna. O homo sapiens talvez seja resultado de um erro da evolução natural, ao criar um animal com racionalidade ilimitada, mas incapaz de controlar moralmente seu destino e, inclusive, de aceitar o destino de sua morte definitiva, tratada como fato natural e irreversível. Confundindo viver com produzir e consumir, acaba provocando entropia ecológica e civilizatória e, no limite, o suicídio da espécie.

De certo modo, é isso que ocorre com o ser humano moderno que, ao buscar a imortalidade de cada indivíduo, ameaça a própria espécie com suicídio coletivo. A ânsia neurótica de transformar, cada vez mais rapidamente, pedras, plantas e animais em produtos para serem consumidos, define o homem moderno. O cartão de crédito como a chave da imortalidade.

Em um trabalho de Sísifo, desperdiçando a curta vida com a ilusão de permanência por meio da riqueza material a ser consumida. Ao ponto de, na era do Antropoceno, destruir o equilíbrio ecológico e ameaçar a própria sobrevivência da espécie. Felizmente, graças, especialmente, aos filósofos existencialistas é possível vislumbrar imortalidade em cada minuto de vida vivido plenamente: "Cada minuto eterno enquanto dura". Entre essas imortalidades transitórias está a leitura de livros que nos inspiram e deslumbram, fazendo-nos imortais enquanto os lemos: sentimento despertado pela leitura de *Imortalidades*, de Eduardo Giannetti.

Maurenilson



Novo marco da EaD e a oportunidade de uma nova era da educação superior



» JANES FIDÉLIS TOMELIN
Vice-presidente acadêmico
da Ânima Educação

O Brasil inicia uma nova era da educação superior com a publicação do marco regulatório da Educação a Distância (EaD). O cenário desafiador, que impacta milhões de estudantes de graduação no país, é também um movimento de inovação, reposicionamento estratégico e de compromisso com a formação cidadã e profissional, algo que vai além da dicotomia entre formação presencial e digital. O novo regramento mostra que o futuro da educação superior está na integração entre ciência da aprendizagem, tecnologia e inovação.

As novas normas redesenham o mapa da oferta educacional brasileira, estabelecendo três formatos de cursos — presencial, semipresencial e a distância — com exigências mínimas de presencialidade, fim da figura do tutor tradicional e ênfase em competências e qualidade.

Enquanto muitos concentram o debate nas métricas de presencialidade, outros, com práticas mais avançadas e necessidades mínimas de adequação, como é o caso da Ânima Educação, ampliam o olhar para uma nova arquitetura pedagógica, orientada não mais por disciplinas tradicionais, mas por competências, principalmente, em cursos como direito, engenharias, odontologia e os das áreas da saúde.

No centro dessa transformação pedagógica, está a neuroaprendizagem, campo que integra

descobertas da neurociência às práticas educacionais. O cérebro humano não aprende pelo acúmulo de conteúdo, mas por conexões afetivas, desafios reais e interação significativa. Estudos da Universidade de Harvard e do Massachusetts Institute of Technology (MIT) demonstram que o engajamento emocional pode aumentar a retenção de conhecimento em até 70%, enquanto a aprendizagem passiva resulta em 10% de retenção após uma semana.

Conectado com os novos modelos de ensino e aprendizagem, algumas instituições incorporam experiências que mobilizam a vivência multimodal, estimulando diferentes regiões cerebrais simultaneamente. Isso se traduz em metodologias como aprendizagem baseada em problemas, simulações de alta fidelidade e laboratórios de imersão, onde os estudantes enfrentam desafios que replicam situações profissionais reais.

O decreto traz à tona um outro ponto fundamental na formação dos estudantes e na preparação deles para os desafios de um mundo em constante transformação: o da concepção de ambiente profissional. Ele estabelece que "as atividades presenciais poderão ocorrer em diversos ambientes, como na sede da instituição de educação superior, nos campi fora das sedes, no polo EaD, em ambiente profissional, em espaços para atividades de extensão ou em outros espaços de aprendizagem, ampliando as possibilidades formativas".

Ambiente profissional é concepção de aprendizagem imersiva, e não definição de espaço físico. Em algumas instituições de ensino, essa visão vem sendo implementada há alguns anos, com a Metodologia Dual, que integra teoria e prática em ambientes profissionais reais. Mais do que um estágio ou

visita técnica, o objetivo é oferecer formação em ambiente profissional, com problemas reais e mentoria compartilhada entre professores e empresa. O resultado é um aluno com competências socioemocionais robustas, especialmente em resolução de problemas complexos e trabalhos colaborativos, e maior taxa de empregabilidade.

Dentro do ambiente universitário, o novo marco regulatório também exige adaptações na infraestrutura. Não se trata apenas de ter salas de aula e laboratórios, mas de criar ecossistemas de aprendizagem onde o físico e o digital se integram de forma fluida, com a combinação de laboratórios com tecnologias de realidade aumentada e virtual, permitindo experiências imersivas que ampliam o potencial pedagógico.

Para lidar com isso, o docente terá um papel central, também transformado a partir do novo marco. Os professores deixam de ser repetidores de conteúdos para assumir papel ativo, com formação qualificada e responsabilidade direta na jornada de aprendizagem, o que exige qualificação contínua desse educador com oportunidade de formação ampliada.

Vivemos um momento de mudança, inquietação entre os estudantes, professores e instituições de ensino, que se organizam para colocar em prática as novas diretrizes estabelecidas. É preciso lembrar que o novo regramento não pegou de surpresa aquelas organizações que têm a qualidade como pilar inegociável. As novas regras são uma oportunidade para refinarmos nossas práticas e oferecer para o estudante e ao país uma formação integral, preparando, principalmente, nossos jovens, para um mercado de trabalho cada vez mais dinâmico e exigente.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (Interneta) // circecunha.df@dabr.com.br



Bacia do Descoberto está sob ameaça

No mais recente episódio de nossas tragédias cotidianas, o desastre ambiental ocorrido em Padre Bernardo (GO) representa um retrato fiel do que se convencionou chamar de tragédia anunciada. O colapso parcial do aterro sanitário Ouro Verde, responsável por receber milhares de metros cúbicos de resíduos sólidos, havia sido alertado por especialistas, ambientalistas e órgãos técnicos desde 2016. As previsões não foram ouvidas. Os riscos foram ignorados. O resultado, agora, é visível e alarmante: parte significativa do material depositado desabou sobre a Área de Proteção Ambiental (APA) próxima ao Rio Descoberto, a principal bacia hidrográfica responsável por abastecer mais de 60% da população do Distrito Federal.

O chorume — líquido escuro e tóxico resultante da decomposição do lixo — atingiu as margens do curso d'água com potencial de infiltração e contaminação direta. Pesquisadores e equipes de reportagem que visitaram a área atestaram a presença de animais mortos, alteração da coloração da água e odor fétido, sinais inequívocos de contaminação ativa. O chorume é altamente perigoso: contém metais pesados (chumbo, cádmio, mercúrio), substâncias cancerígenas (como benzeno), além de vírus, bactérias patogênicas e compostos orgânicos de difícil degradação. Agravando o quadro, foram encontradas evidências de lixo hospitalar misturado aos resíduos comuns, elevando o risco biológico.

A localização do aterro — em área próxima a zona de recarga hídrica e ambientalmente frágil — expõe a falta de planejamento e de critérios técnicos que orientaram sua instalação. Em qualquer cenário minimamente comprometido com a saúde pública, tal evento motivaria um estado de alerta máximo. No entanto, o que se vê é um silêncio institucional ensurdecedor. Não houve pronunciamento firme das autoridades ambientais, nem mobilização emergencial por parte do Executivo. Em vez de transparência, optou-se pela contenção da informação — talvez para evitar alarme público, talvez para proteger capital político. O fato é que a ausência de resposta em ações concretas agrava a crise.

A consequência imediata é o risco iminente de contaminação do sistema de captação que atende Brasília. A médio e longo prazo, o comprometimento da bacia pode gerar um colapso no fornecimento de água, exigindo investimentos milionários em processos de descontaminação, novos sistemas de captação ou racionamento prolongado. Vale lembrar que o tratamento de água contaminada por chorume é extremamente difícil e custoso, exigindo tecnologias avançadas de filtragem, química e processos oxidativos.

A região da Grande Brasília cresceu de forma acelerada nas últimas décadas. De acordo com o IBGE, o Entorno do DF ultrapassa 1,6 milhão de habitantes, boa parte deles vivendo em áreas com infraestrutura precária. A produção de resíduos acompanha esse crescimento, mas a resposta estatal tem sido improvisada, com aterros irregulares e pouco controle sanitário. O caso do Córrego Santa Bárbara, importante afluente do Rio Descoberto, já mostra sinais evidentes de poluição orgânica e química — visíveis a olho nu.

Não estamos, portanto, diante de um evento isolado, mas sim de um sintoma sistêmico. O colapso do aterro Ouro Verde é o resultado direto de uma política ambiental negligente, de uma urbanização desordenada e da ausência de gestão integrada de resíduos sólidos. O Plano Nacional de Resíduos Sólidos, sancionado em 2010, previa a erradicação dos lixões e a gestão sustentável do lixo urbano até 2014 — mais de uma década depois, esse objetivo está longe de ser cumprido.

É inaceitável que em pleno 2024, com tecnologia disponível e conhecimento acumulado, o Brasil ainda enfrente esse tipo de catástrofe previsível. Água potável é um dos pilares da segurança sanitária e da soberania territorial. Uma vez contaminada, a fonte não compromete apenas o presente — ela hipoteca o futuro.

Portanto, é preciso transformar essa tragédia anunciada em ponto de virada. Não basta conter o chorume. É necessário responsabilizar os gestores, revisar as licenças, refazer a política de uso do solo e exigir o cumprimento da legislação ambiental. O custo da omissão será, mais cedo ou mais tarde, cobrado em racionamento, doenças e abandono social. A carga será novamente acumulada nos ombros do consumidor.

Se o Brasil pretende garantir sustentabilidade para suas cidades, especialmente aquelas situadas em áreas de fragilidade hídrica, é preciso colocar a proteção da água como prioridade absoluta do Estado. Nada pode estar acima disso — nem a conveniência política, nem o interesse de empreiteiras, nem a inércia da burocracia. Água é mais do que recurso: é condição de permanência humana no território. E o que se vê em Padre Bernardo não pode mais se repetir.

A frase que foi pronunciada:

"Tudo o que seria necessário para prevenir a doença [cólera] seria uma atenção especial à limpeza na cozinha e na alimentação, bem como à drenagem e ao abastecimento de água, como é desejável em todos os momentos."

John Snow

História de Brasília

Outra, dos TCB: Foi extinta a linha Asa Norte - Núcleo Bandeirante. O trajeto que era feito direto, é, agora, interrompido na Rodoviária, e com isto a tarifa de 25 cruzeiros passará para 40 cruzeiros, agora o tempo de espera na Rodoviária. (Publicado em 05.05.1962)